



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



## O SENTIDO DA LINHA: A CONTRIBUIÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PRÁTICA DO DESENHO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Incorporação curricular da extensão

Autores: Jailson Valentim dos Santos<sup>1</sup>, André Winter Noble<sup>2</sup>, Joelma Santos Castilho<sup>3</sup>,  
Magda Gisela da Cruz Santos<sup>4</sup>, Nadia da Cruz Senna<sup>5</sup>

Centro de Artes/Universidade Federal de Pelotas  
Pelotas/RS - Brasil

**Resumo:** O presente texto reflete sobre a contribuição da extensão universitária na prática do grafismo infantil nas séries iniciais, bem como na formação discente e docente. O projeto *Experienciando o Desenho* servirá de embasamento para as questões abordadas, pois se caracteriza como um projeto de extensão que foi oferecido a crianças de uma escola pública de Pelotas ao longo do ano de 2010. O projeto teve como pressuposto elaborar e realizar atividades gráficas a partir de vivências instigantes que orientassem a produção de desenho, despertando para a poética, apreciação e fruição estética. Vinculado ao Programa Vizinhança/UFPel, o curso abriu espaço para a difusão e expansão do conhecimento e a qualificação dos envolvidos, na medida em que estabeleceu vínculo entre a Universidade e a comunidade de seu entorno, oportunizando um ambiente de construção conjunta do saber e de ensino/aprendizagem propício a vivência gráfica, afetiva e reflexiva dos envolvidos. Suas aulas foram embasadas em abordagens teóricas acerca da cultura visual e do ensino da arte, considerando os conceitos catador, nutrição estética e desenho cultivado para trabalhar o grafismo infantil e as questões que tangenciam a arte e o afeto. Suas ações contemplaram a observação, os registros da memória e a cooperação, bem como a ampliação do repertório gráfico/visual das crianças. A avaliação foi satisfatória, recaindo sobre o processo de criação e expressão artística que as crianças apresentaram, dada através de rodas de conversas, da participação e depoimentos, observação e apreciação da produção realizada.

**Palavras-chave:** extensão universitária; desenho; formação discente.

*A arte alimenta a própria arte.*  
Pablo Picasso

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Artes Visuais – licenciatura, bolsista PET Artes Visuais/UFPel. valentim8@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Artes Visuais – licenciatura, bolsista PET Artes Visuais/UFPel.

<sup>3</sup> Pedagoga pela UFRGS, especialista em Educação Infantil pela UFPel, professora da rede pública de ensino.

<sup>4</sup> Cientista Social pela UFPel, professora da rede pública de ensino.

<sup>5</sup> Professora Adjunta do CeArtes/Doutora em Ciências da Comunicação/Coordenadora do Curso de Artes Visuais Bacharelado/UFPel. Coordenadora do Projeto Experienciando o Desenho.



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



Interessa aqui refletir sobre a extensão universitária, pautada no modelo que é desenvolvido pelo Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas/UFPel, que articula a atividade de Extensão ao Ensino e/ou a Pesquisa, conforme a concepção da Política de Extensão, aprovada pelo Conselho Universitário<sup>6</sup> dessa instituição de ensino superior:

Extensão Universitária é o procedimento educacional necessariamente articulado com o Ensino e/ou Pesquisa que, sem se confundir com um ou outro, desenvolve-se curricularmente ou não em processo pedagógico caracterizado por atividades acadêmicas de educação não-formal e informal, de promoção comunitária e de prestação de serviço (UFPel, 1999. p.9).

Para tanto compilamos esse entendimento com as contribuições de Paulo Freire esplanadas na obra *Extensão ou Comunicação* (1979), bem como com o trabalho da estudiosa Rossana Serrano, *Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire*, ao mesmo tempo em que aproximamos esses conceitos de uma experiência prática extensionista desenvolvida em uma comunidade popular de Pelotas/RS, com crianças estudantes de uma escola pública do entorno do *campus* Porto da UFPel.

Serrano(s/d), no artigo *Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire*, faz uma análise histórica da concepção de extensão salientando a existência de autores que acreditam que a gênese da extensão universitária estaria nas primeiras escolas gregas, nas aulas abertas ao público. A autora, baseada nas afirmações de Rocha (2001)<sup>7</sup>, evidencia a Universidade de Bolonha como o local do surgimento das práticas extensionistas, ainda no período medieval.

A partir da análise histórica, Serrano aborda quatro momentos expressivos da conceituação prática do que seja extensão universitária: o modelo da transmissão vertical do conhecimento; o voluntarismo, a ação voluntária sócio-comunitária; a ação sócio-comunitária institucional; o acadêmico institucional. Para a autora, estes momentos surgem por intermédio da transitoriedade que acontece nas universidades em razão de sua história e de seu projeto pedagógico.

A obra de Freire (1979) revela vários momentos da prática extensionista apontando o período inicial como uma fase de autoritarismo, onde a universidade imaginava proprietária

<sup>6</sup> Conselho Coordenador do Ensino da Pesquisa e da Extensão – COCEPE/UFPel, resolução 04/92. Nesta Instituição, mesmo desvinculadas da extensão, a Arte e a Cultura são respeitadas, resguardadas e incentivadas, pois existe um departamento específico para tratar de seus interesses.

<sup>7</sup> A obra que a autora se refere é: ROCHA, R. M. Gurgel. *A Construção do Conceito de Extensão universitária na América Latina*. In: FARIA, Doris Santos de (org). *Construção Conceitual da Extensão na América Latina*. Brasília: UNB, 2001.



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



de um saber pronto e acabado e desconsiderava a cultura e o saber popular. Com isso a extensão caracterizava-se como um processo autoritário devido à aplicação de um modelo onde o conhecimento dava-se pela verticalização do saber. Ao contrário disso, o autor acreditava numa prática de extensão a qual valorizasse a liberdade, pois entendia extensão como um processo educativo onde o sujeito educava enquanto estava sendo educado.

Freire chama atenção para o “campo associativo” do termo extensão, uma vez que este “se encontra em relação significativa com *transformação, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação, etc.*”(1979, p.22). Assim, é importante pensar em ações extensionistas contrárias a esse sentido, uma vez que o conhecimento da extensão não deve ser algo imposto **sobre** a comunidade, nem tão pouco um conhecimento direcionado **para** ela. O estudioso sugere que seja algo construído **em** conjunto com a comunidade, isso muda completamente o sentido do termo, pois favorece a cooperação, a parceria, a reflexão verdadeira, o diálogo entre universidade e sociedade e a dialética dos saberes erudito e popular.

Freire acreditava em ações libertadoras, por isso que se torna fundamental conhecer a cultura da comunidade a qual a ação se destina para que aconteça o que ele chama de educador-educando, uma contradição que segundo o autor, resulta na superação do termo; não mais educador do educando; não mais educando do educador; mas educador-educando (1979, p.23). Esta relação permite ao extensionista, bem como ao “sujeito” da ação, que eduque ao mesmo tempo em que é educado.

O modelo de extensão determinado como voluntarismo compreende o período histórico que rompe com a prática verticalizada de extensão. Serrano afirma que esta é uma fase onde não há perenidade nas ações. Ou seja, elas são ações pontuais e não tem compromisso com os mais pobres. No entanto, complementa a autora, essas ações acontecem dentro de uma perspectiva politizada, mais ideologizada, ao mesmo tempo em que discorre sobre a aproximação da extensão com a Igreja. Esta surge com ações educativas ainda na idade média, desdobrando-se em ações revolucionárias, com o movimento estudantil, especialmente na América Latina.

Serrano elucida a importância do Movimento Estudantil de Córdoba/Argentina para delinear um novo paradigma de extensão universitária. Isto em 1918 quando os estudantes desta cidade ocuparam a Universidade Católica, pleiteando uma universidade que considerasse os problemas do povo, sendo integrada com vida da nação. Almejavam um modelo de extensão universitária que fosse processual, *comprometida com mudanças*



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



*sociais, com vínculos ideológicos e pensada a partir da militância política dos docentes e discentes* (Serrano, s/d), questionando as práticas que não se ligavam aos problemas locais, sendo apenas ações pontuais, em forma de cursos, sem desdobramentos.

A partir do final da década de 30 o Brasil passa por um período de grande efervescência no que tange a experiência de práticas educativas em extensão universitária. Serrano explica que o foco era a cultura, por isso a criação *de salas de leituras, experiências de rádio difusão, difusão cultural, além dos cursos e conferências abertas objetivando a discussão e soluções dos problemas sociais* (Serrano, s/d). Este entendimento está em consonância com o que Freire entende como conhecimento, ao postular que *Conhecer, na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe* (Freire, p.27). Este autor acreditava que é necessário respeitar o outro como sujeito histórico e cultural para realizar extensão educativa, uma vez que extensão é proporcionar as *condições para o conhecimento*.

Com a reforma universitária iniciada no Brasil na década de 30 e a criação do Decreto 19.851 de 11 de abril de 1931, foi regulamentado o Estatuto das Universidades Brasileiras (Serrano s/d). Com isso a extensão é institucionalizada, porém ainda é vista como ações messiânicas, redentoras, onde o conhecimento parte de cima para baixo, ficando a universidade como a única detentora do saber. O contraponto partiu dos movimentos das universidades populares, bem como do movimento estudantil, realizando ações pautadas em uma perspectiva reflexiva e participativa.

É importante salientar a conjuntura política compreendida nas décadas de 60 e 70, não só no Brasil como em vários países da América Latina, sob rigoroso regime ditatorial, sem liberdade de imprensa e expressão, perseguições políticas e as demais mazelas. O surgimento de uma Extensão Universitária Emancipadora, criada pelo Movimento Estudantil, se caracterizou como movimento de ação sócio-comunitária institucional, ultrapassando as ações pontuais e estabelecendo vínculos com a comunidade. A estudiosa cita como exemplo a criação do Projeto Rondon, instituído em 1968 e o CRUTAC<sup>8</sup>, criado pela

---

<sup>8</sup>CRUTAC – Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária foi um programa pioneiro de extensão universitária, criado e implantado por Onofre Lopes, primeiro reitor da UFRN, em 1966. Sua finalidade básica era promover o treinamento rural dos estudantes, em períodos de estágios, com o assessoramento de professores e técnicos, visando criar as condições necessárias ao estudo e solução de problemas da comunidade, mediante a adequação do exercício profissional às peculiaridades do meio. Ampliou-se para o resto do Brasil, através do decreto-lei 916/69. O modelo chegou a ser implantado em diversos países da América do Sul e África. Em fevereiro de 1977, o MEC extinguiu o programa.



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1966. Apesar das ações positivas, cabe lembrar que dentre os objetivos constava a manutenção da ordem e segurança Nacional. Também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, promulgada em 1961, restringia a Extensão Universitária ao caráter de cursos.

Destaca-se na década de 60 a contribuição de Paulo Freire às atividades extensionistas num momento de redefinição das Universidades no Brasil. Em Recife, o educador reuniu recursos metodológicos já existentes para educação de jovens e adultos, rearranjando-os de maneira tal que conseguiu aplicá-los com eficácia as situações concretas da realidade em que trabalhava. Assim, alfabetizava adultos dentro de uma perspectiva de conquista de autonomia, onde o educando conseguia se posicionar politicamente. A forma de pensar e atuar de Freire são rechaçadas pelo regime militar e culmina na cassação do estudioso por parte do governo vigente na época e na proibição da publicação de suas ideias no país.

Serrano caracteriza o momento da extensão de acadêmico institucional quando as ideias e práticas de Paulo Freire fundamentam os conceitos e a práxis da Extensão Universitária no Brasil. Isso significa afirmar que é um momento de fortalecimento da sociedade civil, principalmente nos setores comprometidos com as classes populares, em detrimento do setor político, que aconteceu no país na década de 80. Estabelece-se um novo paradigma que concebe a extensão como instância de produção de conhecimento, superando o mero assistencialismo.

Nessa perspectiva é preciso articular a Extensão com a Pesquisa e o Ensino, promovendo ações voltadas à comunidade, segundo uma relação de parceria. O grupo comunitário participa do processo por inteiro, e é encarado a como a oxigenação necessária à vida acadêmica (UFPeI, 2009).

Em 1987 a Extensão passou a exercer um papel mais democrático na sociedade, pois com o novo conceito estabelecido durante o I Encontro de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras, ela assume um caráter mais integracionista, pois considera a relação dialética Universidade/sociedade, encontrando na comunidade a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico (Fórum Nacional, 1987, *apud* UFPeI, 1999).

Esse modelo de extensão permite que a Universidade transcenda seus muros, dando retorno social e levando seu conhecimento a comunidade, enquanto se retroalimenta com o conhecimento desta. A experiência do discente é privilegiada na prática extensionista,



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



assegurando a troca dos saberes, consciência crítica, saber emancipatório e interação entre saber científico e popular. Serrano (s/d) salienta que ‘podemos afirmar que esta conceituação é expressivamente “freiriana”, nela encontramos a relação dialética, a sistematicidade, o reconhecimento do outro e de sua cultura, a apropriação pelo outro do conhecimento com liberdade para transformá-lo’.

### A prática extensionista

Partindo deste pressuposto foi elaborado um projeto de extensão intitulado de *Experienciando o Desenho* com a proposta de atender demanda social, promover o conhecimento da arte e a valorização do indivíduo através do grafismo infantil, ao mesmo tempo em que aproxima a Universidade do seu entorno. O Projeto integra-se ao Programa Vizinhança<sup>9</sup> e a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas. Suas ações contam com o apoio do Projeto Arte na Escola<sup>10</sup>.

O curso *Experienciando o Desenho* contemplou no ano de 2010 aproximadamente 40 crianças e jovens, com idade entre 8 e 15 anos, de uma escola pública estadual de ensino fundamental de Pelotas/RS. Suas ações se voltavam à experiência gráfica, utilizando estratégias diferenciadas que se baseiam na valorização do indivíduo, na afetividade, na apreciação e reconhecimento do espaço da comunidade como pólo de riquezas artísticas, culturais e históricas.

Nesta perspectiva as atividades propostas aproximavam-se dos estudantes através de brincadeiras e recursos lúdicos que tinham o intuito de envolvê-los na coletividade, favorecendo a segurança e as relações de amizade e companheirismo dentro e fora da sala de aula, bem como à motivação e a ação do gesto que desenha. Investir na educação, na construção gráfica, na reflexão e apreciação estética foram alternativas conscientes para sensibilizar os estudantes à construção coletiva de sentido.

---

<sup>9</sup> O Programa Vizinhança tem por objetivo maior estender o conhecimento à malha urbana do entorno do *campus* Porto, conhecida como “Zona do Porto” de Pelotas/RS, atendendo demanda dessa população com programas de cidadania voltados para crianças, jovens e adultos em situação de risco social.

<sup>10</sup> O Projeto Arte na Escola tem como missão promover o ensino da arte através da formação continuada, incentivando a pesquisa e aplicação de novas práticas metodológicas.





INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



Integram o aporte teórico do projeto as obras dos estudiosos Mirian Celeste Martins, Analice Dutra Pillar e Fernando Hernández, devido sua contribuição no que tange a cultura visual e ao ensino a arte. No que se refere ao grafismo infantil consideramos as abordagens feitas por Edith Derdyk e Rosa Iavelberg. As reflexões de Marly Meira e Silvia Pilloto foram acrescentadas para entendermos as questões ligadas à afetividade e ao desenvolvimento emocional, bem como suas repercussões no processo educacional. Com isso compilamos a teoria e as utilizamos em uma perspectiva que atendia as reais necessidades das crianças.

O desenho metodológico foi construído ao longo do percurso realizado. Inicialmente, procedeu-se uma sondagem na escola, através da realização de oficinas de arte, com o intuito de conhecer sua dinâmica, bem como o repertório gráfico das crianças, visando aliar teoria às condicionantes existentes e as vivências do grupo. As aulas expositivas dialogadas e práticas seguiam uma metodologia evolutiva e qualitativa, que avançava em complexidade, considerando em suas abordagens o desenho de observação, o desenho de memória, a representação da figura humana, análise do natural, dos objetos e do espaço urbano, bem como a leitura de imagens. As atividades respeitavam a singularidade das crianças e valorizavam a cooperação e o afeto dentro do grupo, primando pela experimentação de diferentes materiais e métodos, que visavam atender às várias etapas do projeto.

A avaliação valorizou o processo de criação e expressão artística experimentado pela criança, em detrimento de um produto final, pronto e acabado, passível de atribuição de nota ou conceito sobre ele. O resultado imediato da proposta foi satisfatório uma vez que conseguiu respostas positivas de todos os envolvidos: crianças, colaboradores, mediadores, direção da escola e coordenação. Os relatos orais e escritos colhidos durante as aulas e em rodas de leituras de desenhos contribuíram para a avaliação e replanejamento das abordagens, como também deram indícios de que os efeitos desse curso serão sentidos ainda a médio e longo prazo.

### **A aula cultivada, catada e nutrida**

Quando se pensa as aulas de artes em uma perspectiva de prática *cultivada*, *catada* e *nutrida*, ela se torna quase um banquete onde educador e educando degustam juntos uma refeição que é preparada coletivamente.



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



O conceito de cultivado é abordado por Lavelberg na obra *O Desenho Cultivado da Criança: práticas e formação de educadores* (2008). A palavra cultivo tem sua acepção original na agricultura e refere-se ao cultivo da terra para produção de espécies vegetais saudáveis a ingestão humana. Essa pesquisadora defende a importância de cultivar a criatividade humana reservando espaço para o desenvolvimento do desenho nas aulas, pois sua prática promove o progresso na linguagem gráfica, uma vez que o conhecimento técnico e o fazer expressivo caminham juntos.

Hernández inspira-se nos “catadores” dos filmes de Agnès Varda (*Les Glaneurs et La Glaneuse*, 2000; *Les Glaneurs et La Glaneuse...Deux Ans Après*, 2002) para intitular seu livro, *Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional* (2007). As obras da cineasta mostram a vida de catadoras e catadores de restos de alimentos e dos mais variados objetos. O autor nos esclarece que nas películas se catava

não somente para se nutrir dos restos, dos fragmentos que o sistema de produção capitalista abandonava, como parte do excedente cotidiano, necessário para que o consumo se mantenha em uma tensão constante. Com o gesto de “apropriar-se dos restos”, estavam realizando um ato de subversão, na medida em que rompiam com o papel a elas atribuído pela cadeia de consumo. Com isso, inventavam uma nova subjetividade com base em uma subversão do dualismo vendedor/consumidor (2007 p.19).

Assim, este educador nos convida a “catar” no cotidiano o que pode nos nutrir esteticamente.

O termo “nutrição estética” é utilizado pela pesquisadora Mirian Celeste Martins com o objetivo maior de “provocar leituras que possam desencadear um aprendizado de arte ampliando as redes de significação do fruidor” (1988, p.140). Com foco na percepção/análise, bem como no conhecimento da produção artística/estética, Martins evidencia que o centro da compreensão recai sobre a disposição do educando “atribuir sentido, construir conceitos, ampliá-los pelas idéias compartilhadas entre os parceiros, com o professor e, se for o caso, com os teóricos que também se debruçam sobre essa obra, artista ou movimento”(p.141), em detrimento da informação dada.

Nutrição estética faz alusão às ações instigadoras que propõe mais do que contato a obras de arte, mas verdadeiro acesso a elas sejam da poesia, das artes plásticas, do cinema, entre outras, capazes de provocar o pensamento e a experiência estética.





INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



Apoiado no conceito de expedição utilizado também por Martins<sup>11</sup>, foi incluído no curso passeios expedicionários a galeria e museu de arte, bem como o acesso aos ateliês de cerâmica, gravura, pintura e desenho do Centro de Artes/UFPel, onde as crianças foram recebidas por artistas e professores de arte que falaram sobre suas poéticas em diferentes linguagens, reforçando os procedimentos da aprendizagem e suas implicações: construir, simbolizar, representar, observar, etc. Os passeios exploratórios envolveram também o entorno da escola e o bairro para observar fachadas, cores de casas, prédios históricos, desenhos da natureza, postes, fiação elétrica e animais, proporcionando as crianças o exercício de olhar, ouvir e tocar, ressignificando os lugares visitados através do pensamento, do sentimento e da ação criadora.

Os passeios exploratórios pelo bairro alimentavam os olhares e a imaginação das crianças, aguçando a percepção, a sensibilidade, e o pensamento. Com materiais expressivos como giz escolar, carvão vegetal e cacos de telha em punho, as crianças criavam em diferentes suportes; como paredes e calçadas do entorno da escola, desenhos plenos de imagens e fantasias, em grandes formatos e originais, ultrapassando os estereótipos, tão comuns em murais e varais escolares.

As expedições podem ser associadas com a ideia de colheita de alimento. Como o momento de ir à horta, no fundo do quintal de casa, colher os legumes fresquinhos para preparar uma salada. Iavelberg assegura que o educando

recebe alimento para sua produção gráfica em aulas em que o professor estabelece o contato com o universo dos desenhos seja por intermédio de reproduções, de originais; oficinas com artistas convidados, pesquisas em bibliotecas, na internet, visitas a espaços culturais, passeios em espaços da cidade ou idas a outras cidades (p.83).

De posse desses conceitos, preparávamos as aulas pensando no espaço da sala de aula como um lugar fértil, rico, onde é possível se expressar artisticamente, fantasiar, sonhar, criar, contemplar, refletir. Uma aula de arte é um ateliê com infinitas possibilidades de aprendizagens onde há espaço para alegria, prazer e maravilhamento. É também onde se constrói a *boniteza de ser gente*, pegando emprestado uma expressão de Paulo Freire.

---

<sup>11</sup> Martins entende que promover visitas a museu, galeria, teatro, entre outros locais de fomento a arte e a cultura, são atividades provocantes quando o caráter de passeio ou visita é transformado em expedição – artística, exploratória, científica (1988, p.141).



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



Este mestre postula que “ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (Freire, 1997).

Aprendemos também com Freire que o momento da aula é de construção mútua entre educador e educando. Nessa perspectiva, o plano de aula não é uma preparação, mas uma orientação que contribui com o professor na medida em que ele consegue manter o foco no objetivo da aula, pois é no pleno exercício da profissão, quando o mestre se encontra na coletividade, que a aula acontece, sendo esta construída, não dada. Assim, estabelecer relações afetivas contribui para o fazer artístico e o aprendizado da autonomia, desenvolvendo, concomitantemente, o pensamento crítico e a liberdade. Freire nos esclarece que:

[...] Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1979 p.25).

Neste sentido, compreendemos que o arte-educador deve estar preparado para instrumentalizar o educando, ajudando-o a desenvolver, identificar e ampliar seu repertório gráfico, visual e crítico, bem como a *boniteza e a alegria de ser gente*. Garantindo melhores condições de ensino/aprendizagem a crianças e jovens, assegura-se e oportuniza-se a esses, a ressignificação do mundo através das especificidades da linguagem da arte.

O arte-educador deve apresentar a *boniteza e a alegria* da arte aos educandos, assim como quem serve uma refeição à pessoa amada. No entanto, é oportuno fazer mais, ir além do ato de servir para propiciar que o momento da refeição seja também prazeroso. Uma aula com prazer para educador/educando implica num conjunto de fatores. É fundamental, primeiramente, que tenhamos fome, necessidade de saber. A preparação da mesa, assim como a da sala de aula, contribui para aguçar ainda mais o apetite.

Preparar uma refeição é um trabalho que exige tempo e dedicação. Precisa-se de um local adequado, utensílios e ingredientes. As misturas e provas são importantes para garantir o sabor e o ponto certo. O cheirinho de uma comida bem preparada nos faz ir ao



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



seu encontro sem hesitar. Arrumar o prato exige habilidade, pois ele estimula a visão e contribui para despertar o desejo de consumi-lo. Para alimentar uma criança é preciso muitas vezes seduzi-la. Um prato nutritivo, com alimentos coloridos em uma disposição atrativa, seduz qualquer pessoa. Degustá-lo em um ambiente harmonioso e tranqüilo dará muito mais prazer, por isso a importância de criar uma atmosfera favorável, tanto para degustar o alimento do corpo, quanto para saborear o conhecimento. Música de fundo pode exercer papel considerável nestas horas. É importante acreditar também na intuição em alguns momentos.

Nas aulas, é papel do educador propiciar um ambiente favorável para o educando trabalhar, orientando-o nas escolhas do preparo da sua “refeição”. Escolher significa preferir uma coisa em detrimento de outra, selecionar, eleger, catar. Hernández (2007) põe em evidência a importância da pluralidade em contraposição à homogeneização de modos de pensar, usando os “Catadores” como metáfora e como proposta de trabalho na escola. A ideia de “catar”, salienta o autor, deriva da tradição agrícola daqueles que recolhem os restos da sementeira e que os artistas impressionistas representaram com perturbadora insistência (p.17).

A prática extencionista garante a sintonia da Universidade com a sociedade, em uma práxis (trans)formadora que contribui para a cooperação mútua, aproximando o discente da comunidade. Para isso, o extensionista nutre-se com conteúdos novos na busca por estabelecer sentido ao seu exercício profissional, desenvolvendo em si o senso de responsabilidade social e sólida formação ética.

## Considerações finais

O sentido da linha do desenho infantil delinea, através de ações extensionistas, o espaço da arte na escola<sup>12</sup>, ao mesmo tempo em que encontra na extensão universitária, um lugar de flexibilidade e apoio. Assim, é possível esboçar cursos e oficinas para serem desenvolvidos nas instituições de ensino fundamental público, apropriando-se dos conceitos

<sup>12</sup> A LDB (9.394/96) assegura: Art. 26,§ 2º - O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



de catador, nutrição estética e desenho cultivado. Com isso a extensão fomenta a formação do discente, oportunizando o aprendizado da profissão docente no contato direto com a realidade de uma dimensão geográfica e sócio-cultural.

Dulce Tamara da Rocha, professora da UFBA, em palestra proferida por ela no VII Seminário de Metodologia para Projetos de Extensão – SEMPE, em abril deste ano, na cidade de Natal/RN, certificou que “é da natureza artística a ação ‘extensionária’. [...] É nesse contexto que a cultura passa a ser um privilégio de todos, quando em outrora era direito de alguns”. Assim percebemos que as artes são eficazes tecnologias sociais, devido ao seu poder de alcance e sua capacidade de trocar e tocar as pessoas.

A extensão universitária trabalha com os “invisíveis” da sociedade, por isso é secundária na perspectiva de alguns dentro da Universidade. No entanto, compreender o contexto social em que se vive, conhecer histórias familiares, e demais condicionantes proporcionam ao estudante que atua na Extensão uma formação ampliada e afinada com as necessidades de seu entorno. Na medida em que desenvolve projetos para atender demandas sociais, conhecendo comunidades e escolas, interferindo e entendendo seu funcionamento, constrói, não **para** elas, nem **sobre** elas, mas **com** elas um novo conhecimento.

O desenho, assim como a arte de um modo geral, ajuda a criança a entender a realidade e seu universo simbólico; o percurso, a produção contextualizada e significada permite ao educando estabelecer relações com a própria vida. Ler imagens, fazer comentários verbais e refletir acerca da própria produção artística contribui para o autoconhecimento. Fernando Hernández (2000) sugere que os educadores indaguem os educandos para saber o que as imagens que produzem lhes ensinam sobre eles mesmos.

Deste modo, percebemos que a extensão pode estabelecer a construção de conhecimento, nas diferentes áreas, a partir do vínculo universidade/sociedade. Considerando a experiência do discente, a participação direta com a realidade da comunidade, consolida o aprendizado promovendo a integração e a consciência crítica do seu fazer.



## Referências:

- BRASIL. Lei 4.024 de 20 de dezembro de 1961. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. \_\_\_\_\_ . Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados; <[http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb\\_5ed.pdf?sequence=1](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf?sequence=1)> acesso em 15/07/2011
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- \_\_\_\_\_. Decreto 19.851 de 11 de abril de 1931. Estatuto das Universidades Brasileiras.
- DERDYK, E. *Formas de pensar o desenho*. São Paulo: Scipione, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O desenho da figura humana*. São Paulo: Scipione, 1989.



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



- FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GADOTTI, M. *Boniteza de um Sonho: ensinar-e-aprender com sentido.* São Paulo: Cortez, 2002.
- HERNANDEZ, F. *Catadores da Cultura Visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional.* Porto Alegre: Mediação, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Transgressão e mudança na educação: projetos de trabalho.* Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. *Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar,fruir e conhecer arte.* São Paulo: FTD, 1998.
- MEIRA, M. R. *Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica.* Marly Ribeiro Meira e Sílvia Sell Duarte Pillotto. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- PILLAR, A. D. (org). *A educação do olhar no ensino da arte.* Porto Alegre: Mediação, 1999.
- SERRANO, R. M. S. M. *Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire.* Disponível em:  
<[http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos\\_de\\_extensao\\_universitaria.pdf](http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf)> acessado em 15/07/2011